

I PARTE

BELCHIOR

A massa escorialesca estendia-se nos campos baixos e secretos como uma grande fábrica abandonada. O silêncio, sobretudo, que emanava dela, parecia provir do seu esgotamento íntimo, das suas corrupções esquecidas, dos seus ritos desvirtuados. Nesse tempo, por alturas de 1935, não havia ainda qualquer projecto em curso para refazer o mosteiro. O abade Cândido interessava-se unicamente pelo restauro da igreja romana cujos rebocos estalados mostravam pinturas aguadas, como a Virgem do Leite, de dedos afuselados tocando o mamilo preto. O abade Cândido enamorava-se pelo que ele chamava a sua obra, e até as ossadas descobertas dentro das grossas paredes lhe davam uma sensação de triunfo e de porfia recompensada. Eram esqueletos de monges, todo um ossário que se pulverizara em grande parte; só no carneiro, em frente do altar-mor, apareceram duas múmias de pele esticada e lisa na caveira que, esta sim, tinha uma fisionomia cruel, porque a ausência de sentimento e espaço em que ele progrida parece crueldade. O abade Cândido pôde ver ainda um resto de fiapo que, tocado com os dedos, se desfazia. Disse aos seus acompanhantes:

— Era frei Rosendo, Paio Rosendo no século. — Pegou numa tíbia e soprou-lhe a caliça amarelada. — O desgraçado teve uma fractura que soldou de través. Decerto sustentava um peso enorme. O báculo pesou-lhe mais a ele do que a espada ao pai, Rudesindo Froilaz, um dos padroeiros desta igreja.

Belchior Teixeira, que tinha então treze anos e passava as férias das vindimas em casa da avó paterna, inclinou-se um pouco sobre o coval. Um homem de aspecto mesquinho e ufano estava de pé, ao lado, ligeiramente apoiado na pica de ferro com que abrira o túmulo. Tinha um riso entre o respeito e a troça, ao ouvir as palavras do abade. Não porque quisesse desfrutar a miséria dos mortos, mas porque pretendia ligar-se ao espírito do momento, que era talvez ligeiro e não solene. Belchior, com a sua fogosa alma de adolescente, lançou-lhe um olhar violento.

— Que lhes fazem? — perguntou, entre dentes.

— Aos ossos? — disse distraidamente o abade. — O vento húmido e o nevoeiro deformaram-nos. A perna direita era mais fraca do que a esquerda. Pode ser que Paio Rosendo levasse uma espadeirada na barriga e os cordões da cicatriz fizessem pressão nos nervos da perna diminuindo-lhe a força.

A tia Matilde apreciava esse feitio investigador do abade, a sua neurastenia que se não privava de remédios carnis. E parecia aprová-lo, com um breve balançar da cabeça branca. A luz da lamparina de prata suspensa por cima dela fazia brilhar os seus cabelos, escurecendo as manchas amarelas. Ela puxou para a testa o chapéu de *laíze* preta, com um ligeiro toque na copa. Embora não tivesse mais de quarenta anos, tinha esse particular hereditário de embranquecer, mal corrida a juventude. Parecia sempre suspensa duma mensagem ou dum negócio e contrafeita como convidada. Mas, como compreendia o favor de certos privilégios como o de ser chamada a ver as ossadas do monge, depois da «missa do dia», com outros pouquíssimos eleitos, simulava interesse e admiração. Belchior apertou-lhe o braço com os férreos dedos de rapaz.

— Vamos... — disse-lhe, na sombra propícia daquela nave apenas iluminada pela alta rosácea sobre o altar-mor e contra a qual se lançavam em voos brandos os pardais. Ela serenou-o. Não era mulher para desfeitas, tanto mais que as achava merecidas ou cultivadas em demasia no seu coração.

— Vamos já...

Belchior odiava aquela maneira de protelar, de evitar um momento crítico; e sobretudo detestava nessa pequena mulher astuta e que se vingava da própria vulgaridade pelos mil expedientes da contra-

dição, detestava a curiosidade quase delinquente, o gosto pelas situações que roçavam pela obscenidade do espírito. Como agora, perante os restos mortais do chantre, dum prelado volumoso que fora pleno de borborigmos e de poros atestados de sebo alvo, Belchior sentia a aversão crua por Matilde, irmã do meio das cinco Teixeiras, suas tias. A maneira como ela se inclinava sobre a cova aberta e devassava o último vestígio calcificado de um homem parecia-lhe indecente, própria duma casta ignóbil e embrionária no seu aspecto intelectual. Assim, quando vinha passar escassos dias à casa de nascimento do pai, Belchior tremia pela prova que isso representava. Demasiadas mulheres num recinto habitado pelas suas forças e lidas várias. Não mulheres fúteis e madraças, mas sim possuídas duma avidez de afirmação e de posse e em que o homem, como imagem concreta do prazer, era excluído; para ser só invejado, de maneira dissimulada até na forma lutuosa do respeito, na vida, ou na morte.

Enquanto se afastavam, ele e Matilde, atravessando a vessada profunda por cima do espinhaço de pedra dum caminho secular, Belchior voltou-se para ver o mosteiro. Já despido de brumas, ao sol da manhã de Outubro, guardava uma sentenciosa face sem glória, as janelas rebentadas e ramos de amieiro a ferir-lhe o velho reboco cinzento. Para encurtar a viagem, toda a gente da freguesia preferia devassar a quinta maltratada em que se erguia o mosteiro com as suas varandas como prateleiras a que faltassem o anteparo e os objectos aí contidos. Decerto frades obesos e *eructadores*, como os que descrevia padre Cândido, imitando-lhes a pacata licença; enquanto Matilde retinha um riso confabulador, como toda ela era, desdenhosa e pérfida, mas sem convicções de qualquer ordem em que a perfídia se inscrevesse e actuasse. Com ela, as coisas dependiam duma actividade insidiosa e constante do seu espírito, mutável e incapaz de aceitar a duração do movimento, o ódio e o amor e tudo o que eles contêm. Passaram a portinha baixa talhada no muro, e desta vez Matilde disse, com precipitado gesto que lhe descompôs o folho da blusa, caído no peito como uma pequena cascata de crepe:

— Baixa-te, senão aleijas-te!

Mas Belchior já tinha chocado com a pedra, não tão dura que o ferisse; uma poeira branca enfarinhou-lhe os cabelos. Matilde riu-se, cuspiu na ponta do lenço e esfregou-lhe a testa.

— O teu primo é maior do que tu e nunca aí bateu.

Era o eterno remoque em que prevalecia a reverência pelo arquétipo viril, sua estatura, seu brilho, seu consentimento. Deu a mão a Belchior, como para fazer-se perdoar as palavras sádicas. As relações de ambos estavam impregnadas daquele acinte, estímulo às vezes de reparações substanciais, como um favor, um presente, um elogio amante fugido ao pudor familiar. Mas ele só reteve a malícia e a chama intrigante que havia em Matilde e que a aureolava de certo atractivo pagão; «Às feras, às feras!» — dizia aquela expressão que não lhe aflorava à pele; um gosto de sangue e de martírio que ela não podia impedir-se de reservar como uma última aliança, a do desastre e a da morte. Porém, ele não conseguia distinguir da perversidade esse culto absurdo pelo litígio entre as maiores opções do coração. Gente velhaca e má, achava Belchior. Nunca podia compreender a saudação com que o recebiam, um ano depois da sua última chegada. Adiantava-se Aurora, franzindo os olhos de míope, e perguntava-lhe:

— Que horas eram quando saíste de casa?

Assunta e Noémia pareciam ir beber uma revelação na resposta de Belchior. Mas ele limitava-se a ignorar tudo aquilo, a expectativa e a pequena comédia de introdução ao tema que era de facto a visita dele, um amado estranho, possivelmente portador do esquema dum antepassado, criatura imponderável e insubordinável. Se não fosse pelos seus amigos, criadores de galgos e filhos de fidalgos degenerados, ignorantes e de coração despreocupado, como já iam desaparecendo da face da terra, Belchior não suportaria «a casa das manas». Cinco mulheres duma casta extremamente racial e inimiga de forasteiros; às vezes, seis mulheres, quando Maria Rosa, a mãe de José Bento, vinha passar uns dias que ela chamava de retiro, mas que não caíam bem com a sua índole vadia e exigente de fantasias. Talvez devido à sua beleza ruiva e picante, casara com um desses austeros espécimes da nobreza militar, conservador, puritano e com bastantes recursos em amizades políticas. Que as terras eram improdutivas e a casa um pardieiro sagrado em Covas do Douro. Maria Rosa ia fazendo do filho um cavalheiro, cosmopolita, insincero e inclinado à alta cultura. Com doze anos apenas, frequentava famílias eminentes e sabia falar com velhas senhoras. Era mordaz e

gracioso, mas nunca atacava senão aqueles que de certo modo podia esquecer depressa. Ele e Belchior estimavam-se, precavidos duma rivalidade que sabiam não dever tornar demasiado precoce.

Neste domingo de Outubro, já chegado ao recomeçar das aulas, um dia que se fez chuvoso, no tépido agasalho dos caminhos bordados pelos lódãos carregados de uva preta e poeirenta, a casa das manas apresentava-se aparentemente parada no tempo, sem uma voz a varar as suas paredes dum azul pardacento. As janelas estavam fechadas e só a porta da cozinha parecia frequentável, com a vizinhança dos cães lobeiros, agachados como leões. Um deles chamava-se mesmo *Leão*, outro, *Morouço*, porque parecia de longe, pela imobilidade e o volume, uma pequena colina hirsuta de tojo.

Matilde limpou os sapatos na lâmina de ferro cravada na pedra, à entrada, e fechou cuidadosamente a sombrinha de seda preta. Era uma mulher baixinha e confiante nas suas artes de iludir e vencer. Todas as circunstâncias lhe pareciam propícias para uma boa demanda. De todas as irmãs, ela e Aurora eram as menos bonitas. Com o nariz curto e arredondado, os dentes abertos, os olhinhos «agatados», como se dizia, seria mesmo desagradável se não fosse a extrema animação de todo o rosto, ora curioso, ardente, ora duma simpatia fácil e actuante. Chamavam-lhe «a doninha», entre subalternos e familiares menos envolvidos nas suas redes.

A grande cozinha lajeada, reconduzida duma antiga estrebaria (tinha ainda argolas nos muros onde se suspendiam as toalhas), estava vazia; com excepção de Assunta, a mais velha das irmãs. Bela, poderosa de braços, um ventre proeminente e mãos de criança, ela parecia, no seu cadeiral de sola, um general abatido pela experiência das batalhas; pelo séquito dos mortos que resumem uma inutilidade sem esperança.

— Como tardaram, santo nome! — disse Assunta. Sempre reprendia a irmã pelas suas demoras e pretextos delas. Mais uma vez Matilde se justificou, mas Assunta não a ouviu. — Não tens fome, menino? — A sua preocupação pelos que estimava constava desse júbilo íntimo de poder-lhes acudir ao apetite com as suas fritadas de ovos e os seus caldos de hortos. Nada lhe parecia tão urgente como aquecer o ventre com talhadas de toucinho e vinho tinto. Não havia desgosto que não fosse parado com o conforto duma ceia quente com